

Diário de Notícias

A morte das mulheres

Já sabemos há muito que o crime "passional" é uma prática favorita dos homens portugueses e os números estão aí para o ilustrar, mas de vez em quando a sequência é horripilante. Segundo comunicado da Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres, em quatro dias de Agosto tivemos três assassinios e uma tentativa do mesmo, entre 11 facadas e uns tiros a tempo. As idades das vítimas andavam entre 26 e 74 anos. As localidades também dizem qualquer coisa. Começamos por Alcobaça, subimos à Anadia e terminamos entre Mira de Aire e Mirandela.

A publicitação destes crimes é neste caso de grande importância, pois elimina o estereótipo, herdado do salazarismo, do pacífico e cordato povo português, incapaz da violência societal dos vizinhos do lado. A verdade nunca foi essa, muito embora a censura nos desse a imagem de "paraíso triste". Qualquer consulta aos relatórios do que a comissão de censura "cortava", ou às estatísticas policiais, ilustra rapidamente a violência explícita de muitos sectores da sociedade portuguesa. Mesmo com o controlo social da Igreja Católica, hoje mais desvanecido, a sociedade rural do passado não era flor que se cheirasse e parte da urbana também não.

Os sociólogos especialistas do fenómeno encontrarão certamente grupos de risco privilegiados. Os mais moralistas dirão que ele é característico de todas as classes sociais. Os mais atentos às estatísticas declaradas encontram neste meio rural-urbano em mobilidade social e com uma das maiores taxas de participação das mulheres no mercado de trabalho uma parte da explicação. Depois vem a escolaridade, no geral mais baixa, dos actores destes crimes mais violentos. A seguir o alcoolismo, que deve pesar certamente. Depois a conjuntura de divórcio ou ameaça de separação. Mas o sinistro é que a violência doméstica continua a ser a causa do maior número de mortes de mulheres em Portugal, entre os 16 e os 44 anos, como salientava o plano de combate à violência doméstica do Governo anterior.

Como os factores sociais não vão mudar amanhã, o que é que se poderá fazer para além da prevenção e das campanhas de sensibilização? Aqui até os liberais de direita pedirão ao Estado que esteja mais presente e à justiça menos relativismo desculpabilizador na condenação.

António Costa Pinto

Professor universitário acpinto53@hotmail.com

publicado a 2006-08-12 às 00:00

Para mais detalhes consulte:

http://www.dn.pt/Inicio/interior.aspx?content_id=644581

GRUPO CONTROLINVESTE

Copyright © - Todos os direitos reservados



PATROCÍNIO